

HACHODESH

ICHUD HABONIM

SNIF SÃO PAULO MAIO DE 1972

NO 5

NESTE NÚMERO:

- CARTA DO SCHNAT
- A TZEADÁ
- ICHUDNIKIM
- OUTRO SUPER-CONTO
- E, ESPECIAL!!

LEIAM

ANÚNCIOS
CLASSIFICA-
DOS !!!



...E MUITO MAIS!

O Toque do Mês



Shalom, chevre!

Pela 5ª vez consecutiva, eis que HACHODESH aparece novamente. Não vou ficar discutindo a sua posição na vida do snif, pois não há mais o que discutir. O iton conqiestou definitivamente a seu lugar no snif. Criou nos chaverim um hábito. O hábito da leitura do HACHODESH. Já não há dúvida de que a grande maioria dos exemplares distribuídos são lidos em sua (quase) totalidade. Isso é bom. Mas é o 1º degrau de uma longa escada.

Hachodesh é um iton que, se compararmos com o material que necessitamos para formatar uma visão do mundo, traz pouca informação. O seu record foi de 19 páginas (coma capa). Só êle não é suficiente para dar todas as informações necessárias a um chaver consciente. Êle faz o possível para reunir um pouco de tudo para que os chaverim provem o gôsto do que há por aí. E para que se comuniquem entre si, o que é importantíssimo na Tnuá. Mas só "bicar" ticos e tecos daqui e dali não basta. O que Hachodesh pretende, dando-lhes essas "gôtas de mundo", é despertar com elas o interesse dos chaverim pelos diversos assuntos, fazer com que troquem idéias entre si e pesquisar mais a respeito. Êsse é o 2º degrau da escada. Sair para ler mais. Seja paquerando os livros ou publicações de onde foram extraídos os artigos, seja fuçando tochniot que existem às toneladas pelo snif, ou/e discutindo entre a gente a respeito, lendo a Igueret (é, a Igueret e o Alon também são feitos para serem lidos) e outros meios que os chaverim possam imaginar.

Se queremos ser uma Tnuá política, que tem posições a respeito de problemas e que age de avôrdo com elas, devemos estar informados.

E Hachodesh pretende ser apenas um pequeno detonador de uma grande Bomba-C (cultural) que gostaríamos de ver explodir por aí.

Quanto ao que vem êese mês, não há nada a ser feito de propaganda. Os artigos valem por si mesmos. Agora o toque extraordinário:

Hachodesh fura todos os itonim de tnuót. Publica nêsse mês, em primeira mão, uma carta do pessoal do Shnat, com suas impressões, fofocas, anseios e previsões com respeito à Tnuá.

Por êsse nês é só.

A Redação.

Pg 4

Um Levantamento Estatístico

SATURADOS PELAS INCESSANTES EXORTAÇÕES AO TRABALHO E PELAS INCESSANTES CAMPANHAS EM FAVOR DE UMA POLÍTICA DE PLENO DESENVOLVIMENTO E PRODUTIVIDADE DIVULGADAS PELA IMPRENSA, RÁDIO E TELEVISÃO, FAZEMOS A SEGUINTE INDAGAÇÃO:

QUEM AFINAL TRABALHA NESTE PAÍS ?

População do Brasil.....	80.000.000
Habitantes com mais de 65 anos.....	<u>18.000.000</u>
Restam para trabalhar.....	62.000.000
Habitantes com menos de 16 anos.....	<u>40.000.000</u>
Restam para trabalhar.....	22.000.000
Funcionários públicos.....	<u>6.000.000</u>
Restam para trabalhar.....	16.000.000
Militares.....	<u>7.000.000</u>
Restam para trabalhar.....	9.000.000
Empregados de emprêsas do govêrno.....	<u>3.700.000</u>
Restam para trabalhar.....	5.300.000
Aposentados.....	<u>2.900.000</u>
Restam para trabalhar.....	2.400.000
Hospitalizados, prisioneiros, doidos, vagabundos, frequentadores de prados, campos de futebol e praias.....	<u>2.200.000</u>
Restam para trabalhar.....	200.000
Ociosos, senadores, deputados, vereadores, prefeitos, governadores..	<u>199.998</u>
Restam para trabalhar.....	2

E que são êsses 2 ? VOCÊ E EU, naturalmente. Isso é um sinal de alarme, uma lição de coragem, um despertador de novas energias. Devemos pois, trabalhar dobradamente, sobretudo VOCÊ, porque EU já estou farto de carregar o Brasil nas costas.

(Extraído de um panfleto da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo - pelo aluno Carlos).

CONTO

Poeira Lunar

CONTO DE THOMAS M. DISCH

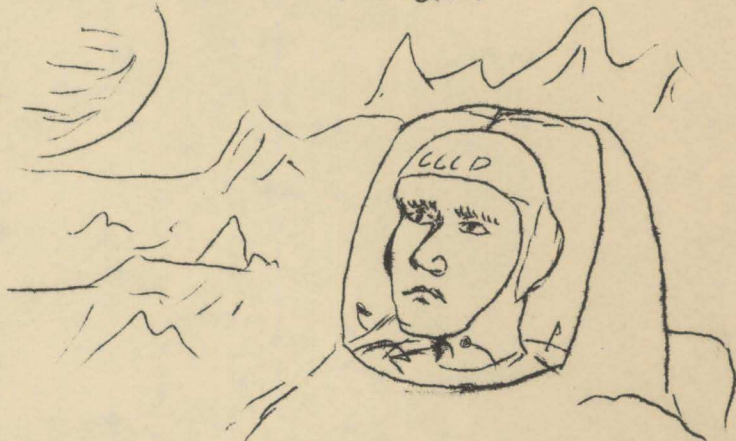
Ele estava morrendo pela Ciência.

Este era, de fato, o próprio mauso leu da filosofia natural, tôdas aquelas grandes e remotas inteligências aí metamorfoseadas em rochedos: Harpalus, Platão, Arquimedes, Tycho Brahe, Longomontanus, Faraday. E, na face oculta à Terra, uma fantasmagórica horda de seus compatriotas: Kosyrev, Ezerski, Pavlov. Uma honra, por conseguinte, em ser o primeiro, o primeiríssimo, a se juntar a eles corporeamente, como Ganimedes que subiu até o Olimpo.

Nove minutos.

E que maravilha, que inesgotável fonte de ilustração era saber a côr exata da cratera Ptolomeu - cinzenta; medir com maior precisão, do que jamais antes, a altura de sua muralha circundante - 1.607 metros; colecionar amostras de poeira cinzenta, raspar lascas de rocha cinzenta, fazer amostras, pesar, analisar, acrescentando talvez um pouco mais de dados aos dados já existentes, expandindo os horizontes do mundo conhecido, hoje a Lua, amanhã Marte até o mais longínquo desvanecente ponto estelar, onde o tempo se perde no triunfo da entropia. Maravilhoso.

Ah, mas aí está de nôvo, como o crânio na cela de um monje cartucho, essa palavra temível: entropia. Por que deve ser esta a última palavra que a Ciência tem a dizer sôbre todo e qualquer assunto? Que adianta saber que o universo, como o homem, é mortal? O dia em que a Terra não terá mais verdejantes paisagens como as do tempo de Ptolomeu,



em que o Sol morrerá, em que, no fim de tôdas as coisas, haverá o nada, a mera morte?

Morte: não importa quantas vêzes dissesse a palavra, sua mente não seria capaz de abarcá-la. Só o morto sabe o que é a morte. E, no entanto, iria morrer dentro de nove, não, dentro de sete minutos e meio. E nem êle, Mikhail Andreievitch, nem ninguém, sabia porquê. Um defeituoso elemento de controle, um pequeno colapso não informado e depois por si próprio recomposto. Mas também isto tinha a significação de entropia.

Passeou pela cratera, longe da nave que o traíra, as pernas amplamente curvadas na roupa inteiriça, de modo que parecia um contundido jogador de futebol deixando o campo, cuidadoso para não deixar cair uma gôta sequer da sua taça de sofrimento. Juntou a última vasilha de poeira e voltou com a cápsula para a nave. Dentro do seu capacete, o comunicador guinchava, reclamando sua atenção. Seis minutos. Um pouco menos do que seis minutos.

Pensou: se eu retivesse minha respiração...

Uma por uma, tirou as vasilhas de suas cápsulas e esvaziou - as sôbrelas sapatos de sua inflada roupa de amarelo brilhante. A poeira lunar caiu direta e rápida como pedra, sem vestígio de suavidade coloidal. Um gesto vazio. Mirou para leste, onde a terra crescente pendia baixa no horizonte. A Rússia jaz agora dentro do escuro, na área noturna do crescente.

E também isto era vazio, todo espaço estava vazio e a Terra era apenas uma esfera girando neste vazio, a Lua outra, o Sol e as estrêlas, bolas de gases quentes. Pensar nisto! Pensar que morreria porque não dispunha de mais oxigênio para alimentar suas células. Pensar..

Porém não havia tempo para pensar em tudo. Depressa muito depressa, teria de parar inteiramente de pensar.

O comunicador continuava a zumbir.

Môscas zumbindo em cima de uma carcaça. Entretanto, não podia haver môscas na Lua, uma vez que lhe faltava atmosfera. Nenhuma vida podia existir aqui, de nenhuma espécie. Tôdas as encantadoras estórias impossíveis de serem verdadeiras, porque a vida seria impossível na Lua. Mesmo sua própria vida, sua própria encantadora estória.

Compreendeu que estava retendo a respiração, tentando não respirar. O estúpido animal debaixo de sua consciência ainda acreditava que seria salvo. Sobre animal. Semelhante à sua mãe, beijando um ícone com seu último alento, enquanto os inteligentes olhos cinzentos confessavam que eles sabiam que não haveria outra vida. Os lábios crêem, os olhos negam.

Ligou o comunicador e falou:

- Sim?

- Ah! Mikhail. Estávamos preocupados. Pensávamos...

A agradável voz de contralto de Tônia ainda era reconhecível através de 280.000 quilômetros de vácuo.

- Não, ainda não.

- Descobrimos o que se acha na base do problema. Conforme Dimitri insistiu, a terceira unidade injetora de combustível não estava sincronizada com...

- Por favor, Tônia. Não me adianta saber isto agora.

Sua ênfase implicava que houvesse, apesar de tudo, algo que lhe seria útil saber.

Houve um silêncio antes que Tônia tornasse a falar. A mudança de sua voz sugeria que ela tinha estado chorando.

- Todos nós achamos que você foi tão magnífico.

- Tão corajoso? perguntou êle interpretando a estática. - Será coragem continuar comendo e bebendo enquanto resta alimento? Será coragem respirar? Tão corajoso fui eu.

- Que disse, Mikhail? Nós o perdemos por um minuto.

- Nada.

- Assya lhe envia seu amor, Mikhail.

Quatro minutos.

- Envie meu amor para Assya.

Desligou o comunicador, pensando em como seria um beijo, em como não seria.

Não, êle não estava morrendo pela Ciência, porque a Ciência não constitui uma boa razão para morrer.

Estava morrendo por Amor.

Não se dissera a si mesmo, durante aquêles remotos verões, que, agora podia morrer sem lamentar que qualquer coisa mais seria supérflua? E não fôra ela infinitamente bela, sua Assya? A pele suave e clara como a casca de uma imaculada pêra, o ágil, incerto sorriso, o cheiro de feno nos cabelos dourados, as infinitas perspectivas nos seus olhos cinzentos. Uma única recordação de Assya, o memorizado calor daquele único verão, será que não forneceriam razões para toda uma vida?

"Mas isto passou - objetou êle - e é passado."

Verdadeiro. Tanto faz tentar deter o mundo em movimento como impedir que o amor passe. Passa com os anos ou com uma noite, porém passa. Não há beleza, nem nobreza, nem valor humano que não seja efêmero. Existe uma entropia do espírito que se equipara à entropia da matéria. Como sua carne outrora firme, o caráter de Assya se tornou frôlo com a falta de exercício. No caso de Assya, como no da maioria das pessoas, a morte não chega de uma vez, porém gradualmente. Amor? Não, nenhum resta agora.

E, contudo, era verde a grama naquele verão. O Sol parecia verter torrentes de vida líquida. Erguendo os fardos de feno, trabalhando ao lado de Assya na canícula, esquecendo, no passar do tempo, as pressões da universidade, esquecendo tudo, exceto seus dois corpos e o vínculo entre ambos, exceto o Amor, então foi generoso o tempo e a negra abóbada celeste não era mais do que o pátio para os seus íntimos prazeres. Sim, um idílio.

Mas há muitíssimo tempo atrás.

Agora, os campos, onde juntos trabalharam, estariam amortalhados no gelo do inverno e, não jazesse o país dentro dos cornos do crescente, poderia vê-lo ardendo, como agora ardia a parte nordeste da Europa ao receber o sol matutino.

A Terra morre a cada ano, porém, após uma estação de frio, desperta para uma nova vida. Seu inverno não haveria de passar, mas e daí? Não poderia êle contentar-se com um único verão, uma cintilação do luar, um beijo? Que é que a repetição acrescentaria ao que já havia possuído?

Palavras. Não havia consolação nas palavras.

"Assya", sussurrou com um voz doendo de saudade e - embora quisesse negá-lo - inveja. Porque ela ficaria; êle morreria.

Um minuto e meio.

O comunicador zumbia.

Se apenas pudesse desaparecer numa explosão de glória, brilhando num martírio de maripôsa, ao invés de se arrastar uma semana, outra semana, para testemunhar a redução de toda magnanimidade, de todo Amor...

Não, êle não morria por Amor, porque o Amor não constitui uma boa razão para morrer.

Êle estava morrendo pelo Estado.

A Ciência era impessoal. O Amor tem sua maneira de morrer antes que o façam os amantes. Há, porém, ideais - disse a si mesmo - que encerravam a autoridade da primeira, sem abandonar a essencial humanidade do segundo. Êle era, como deve sê-lo todo astronauta, algo assim como um patriota, ainda que, em pequena proporção, fanático. Fôra, desde seus dezoito anos, um membro do Partido, o que não é coisa fácil, nem comum para um estudante carregado de um currículo, cheio até o tampo, de matemática e física.

A creditava, com algo parecido a um fervor religioso, no futuro de sua pátria, no seu destino. Estava orgulhoso - e que russo não ficaria orgulhoso? - com o que tinha sido feito em cinco escassas décadas, a despeito das fôrças que sempre se lhes opuseram, fôrças tão grandes que, mesmo agora, fitando o globo verde balançando acima do horizonte lunar, não conseguia reprimir um sentimentozinho de paranóia. Apesar de tudo isto, apesar do que êles poderiam fazer, foi a Rússia, sua própria Rússia, que primeiro atingiu Lua e nela colocou um sêr humano.

No entanto, ninguém jamais saberia que o nome dêsse sêr humano era Mikhail Andreievitch Karkhov. Só depois do seu vitorioso retôrno à Terra é que a notícia da grande façanha da União Soviética seria dada à publicidade. Um fracasso não ficaria conhecido, uma vez que não serviria ao interêsse nacional torná-lo público. E não era o interêsse nacional o seu próprio?

Ainda assim, gostaria de ter ganho notoriedade. Uma fraqueza.

Não morreram de mortes obscuras os mártires da Revolução ou de Stalingrado, em sua maioria? Terão sido seus sacrifícios menos válidos pelo fato de se prederem seus nomes? Desejaria dizer não, mas os seus lábios apertados.

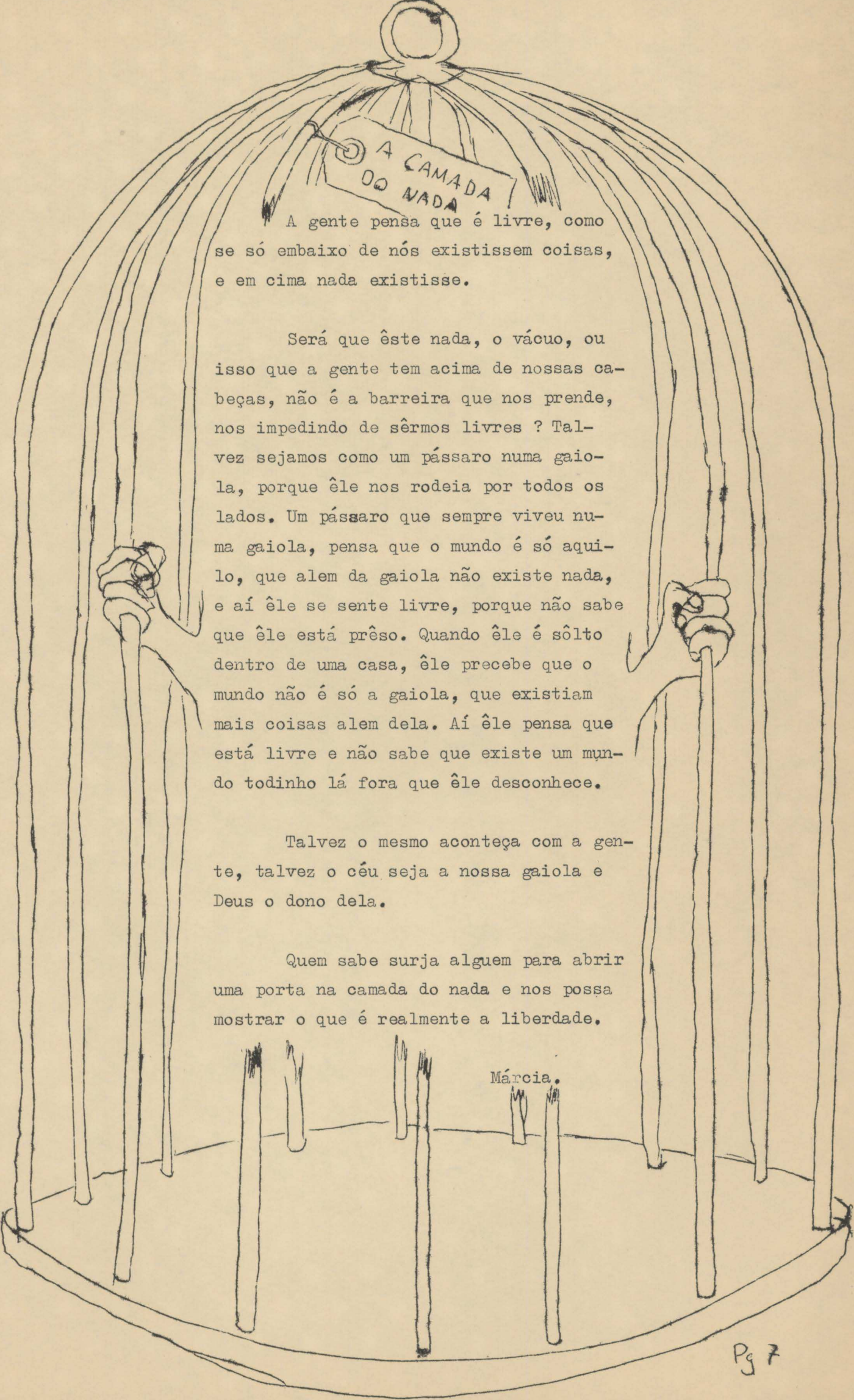
Que seria se êle tivesse alcançado êxito? Que seria se se tornasse um herói? Teria isto alterado o fato de que deve morrer e de que, em face da morte, nada é glorioso, nada tem orgulho, nada é merecedor senão de um pouco mais de vida, de uns poucos segundos mais, de mais um alento?

Não, ainda que o quisesse, não estava morrendo pelo Estado.

O oxigênio acabou-se. Olhou, sem compreender, pela última vez, a Terra, e a seguir, ignorando o zumbido do comunicador, afrouxou os parafusos que mantinham fechada a viseira do capacete.

Morreu então e, conquanto não o soubesse, jamais existe uma boa razão para morrer.

Nota do Editor - Êste conto, escrito em 1967, antes da morte de quatro astronautas (um russo e três americanos), coloca a questão na "qualidade" da morte de um homem.



A CAMADA
DO NADA

A gente pensa que é livre, como se só embaixo de nós existissem coisas, e em cima nada existisse.

Será que êste nada, o vácuo, ou isso que a gente tem acima de nossas cabeças, não é a barreira que nos prende, nos impedindo de sêrmos livres? Talvez sejamos como um pássaro numa gaiola, porque êle nos rodeia por todos os lados. Um pássaro que sempre viveu numa gaiola, pensa que o mundo é só aquilo, que alem da gaiola não existe nada, e aí êle se sente livre, porque não sabe que êle está prêso. Quando êle é sôlto dentro de uma casa, êle precebe que o mundo não é só a gaiola, que existiam mais coisas alem dela. Aí êle pensa que está livre e não sabe que existe um mundo todinho lá fora que êle desconhece.

Talvez o mesmo aconteça com a gente, talvez o céu seja a nossa gaiola e Deus o dono dela.

Quem sabe surja alguem para abrir uma porta na camada do nada e nos possa mostrar o que é realmente a liberdade.

Márcia.

CARTAS À REDAÇÃO

UMA DO MOTL

O fato é este: até agora a chativá-beit é uma ficção. Ora, como podem oito chaverim que estudam em cidades separadas, conhecer as idéias uns dos outros, se nem sequer se reúnem uma vez por semana, não conhecem os kibutzim propostos (só o superficial), enfim que têm tôdas as condições para não existir como kvutzá funcionar com o belo nome de Chativá-Beit !

Quanto à decisão de ser Haon a sede da chativá-beit e o novo meshek-iad da tnuá brasileira, há vários contras:

1)- A tnuá brasileira, nas condições em que se encontra, nunca poderia solucionar os problemas de Haon; somos muito poucos e não tão convictos!

2)- Se Haon tornar-se meshek-iad da tnuá brasileira, terá de se preocupar com o seu futuro (principalmente shlichim). Será que este pequeno kibutz, com uma população atual de 58 chaverim com tendências a diminuir (em fase de extinção) teria capacidade de mandar 6 shlichim para o Brasil?

3)- O fato de a aliá brasileira ser acadêmica: um profissional liberal nunca exerceria sua profissão em Haon, ao passo que em Bror-Chail as condições para que isto se dê e para estudar são muito melhores.

Resumindo tudo: eu acho que está na hora do pessoal tanto da Chativá-Beit como o resto dos chaverim cair em si, pois para se sair para uma empresa nova e ousada como esta, tem-se de estar preparado, pois ela ~~nexe~~ não só com o futuro da chativá, como também põe em jôgo o futuro da tnuá.

Pensem nisto e tentem me convencer do contrário. Respondam pelo Hachodesh que continua sendo o melhor iton da tnuá brasileira (ainda mais agora que o Pimente "faz" a Igueret).

MANDEM UMAS "MÔNICAS PELO CORREIO.

TÔ SÊCO PRA LER MÔNICA. PÔ!!!!

A CARTA do SHNAT

Kibutz Haon, 4/4/72.

Iton Hachodesh - Snif São Paulo.



Oi turma de lá!

Recebemos a carta do Hachodesh, e realmente não cumprimos nossa promessa de escrevermos uma carta por mês. O problema é que a realidade que vivemos aqui é bem diferente do imaginado no Brasil. É difícil entrarmos numa vida novam, muito mais intensa do que sempre vivemos, conseguirmos nos organizar e fazer tudo a que nos propusemos.

Eu vou tentar o que na minha opinião mais interessa a vocês, apesar de ser bem difícil relatar verbalmente experiências.

- Oi, muito prazer! Você é do Shnat Sherut?

- Não, sou do Shnat do Ichud Habonim!

- Sério? Eu também...

Esse foi um papo ouvido na viagem. É só um exemplo da situação da kvutzá. Bom, chegamos no kibutz sem saber realmente o que se esperar em âmbito de kvutzá. Éramos unidades sem conjunto.

1º dia de trabalho:- calças pula-brejo...botas de trabalho...chul/tzá kchulá de trabalho...

5,45 - todos no cheder-haochel...uniformizados...um grupo...uma kvutzá... Haderech aruká ihie rabá...rabá... Todos no trator... Laavodá! Depois de um belo passeio num vale florido entre o Kineret e o Golan, chegamos ao pardess - Katif de eshkoliot (grapefruit).

echad, shtaim, shalosh, arbá...TODOS NO TOPO DA ÁRVORE...

Chiii ! Aquela tá muito longe ! BUUUUMM !?! O AKI CONSEGUIU QUEBRAR UM GALHO !!!

10,00 horas : fim do trabalho.

- Puts, eu tenho 15 arranhões e 2 cortes!

- Ganhei! Tenho 3 cortes!

2º dia de trabalho!

- pô, Mamadeira! Vá a merda! Deixa eu dormir mais 15 minutos!

Depois do trabalho:

Todos bem vestidos, penteados...Vamos conhecer as famílias!

Na aruchat-erev : - Que tal teus pais?

- Geniais ! Tenho um irmãozinho lindo!

Dia seguinte: - Oi, sabe que temos laços sanguíneos?

- Por que?

- Meu pai trepou com tua mãe!

E assim começamos a participar da vida no kibutz...

Bom, temos muito mais o que contar, já se passaram quase 2 meses, mas fica pro próximo capítulo que a igueret está no fim.

Aleh Veagshem !

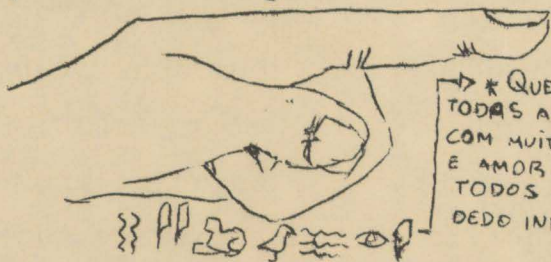
Odedo

↑ Indicador →

Ari Chassid

Desde os mais remotos tempos, desde os tempos das caver-nas, os faraós, os Césares, o dedo indicador destacou-se como sendo um dos mais importantes obje-tos para o desenvolvimento da civilização. Quem poderia ser o ob-jeto que indicaria a direção? O dedo indicador. Quem poderia ser o objeto para indicar negação? O dedo indicador. Quem poderia ser objeto para limpar o ouvido? O dedo indicador. Por isso está provado que o dedo indicador além dessas ações tem outras utilida-des, como limpar a sujeirinha do nariz e de outros buracos desco-nhecidos e desvanecidos de qual-quer proteção.

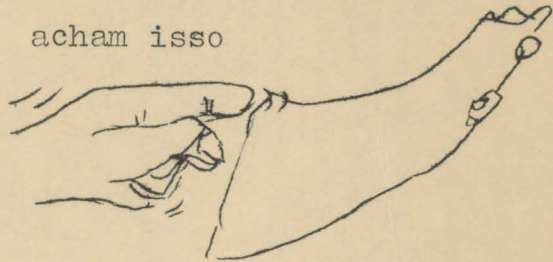
Recentemente foi encontra-do no Egito junto à pirâmide de Dedão Com a Mão a esfinge do dedo indicador, embaixo as inscri-ções em hieróglifo



→ * QUE DURANTE
TODAS AS GERAÇÕES
COM MUITO CARINHO
E AMOR
TODOS ADOREM O
DEDO INDICADOR

Atualmente com o advento das bombas atômicas, o dedo indi-cador tornou-se de uma importân-cia vital.

O dedo indicador poderia ter ainda mais uma função bem mais im-portante que as outras (isso é pa-ra nós) só que muitas pessoas não acham isso



preferem ficar com o dedo assim



Bom, o dedo indicador, como mostramos é de uma importância vi-tal. Pena que ainda há pessoas que não sabem para onde indicá-lo.



A TZEADA 3HAYANIM

De nossa correspondente DANY COHEN

6 Depois de uma semana de discussão entre ir para a Tzeada ou ir para o Ulan, resolveu-se que a primeira hipótese era melhor. Era um domingo de manhã (dia 20), mais precisamente 5:30h da manhã, quando começamos a sair dos chedarim, meio sonolentos, mas loucos para estrear os sleepings e os tarmilim novos. No gramado de frente aos chedarim, mochilas, máquinas fotográficas, sapatos, cantis, e como sempre o bumbo, o agogô e a gloriosa bandeira brasileira.

Chegamos em Tveria. Tentamos subir num ônibus para Ierushalaim, mas não dá: lotado. Bem, fica pro próximo. O próximo vem e nós conseguimos alguns lugares. Viagem para Ierushalaim: QUE SACO! Fui sentar logo ao lado do Natan e tive que ficar ouvindo sôbre a falência do pai dele.

Chegamos em Ierushalaim e pegamos logo depois o ônibus para Beth-El.

Beth-El- 33.000 barracas, milhões de bandeiras, gente até dizer chega. Conseguimos barracas de 2 pessoas. Se o vento soprasse, a barraca caía. Arrumamo-nos. À noite- show no anfiteatro com Lehacot Tzvaiot, Hadoodaim e discurso do David Eleazar. Um frêio de morrer. Acaba o Show e todos pro sleeping.

Às 3:30h da manhã começa o movimento. Berros de um lado, alto-falantes de outro, fila pra comida. Na machané um barro só.

Às 4:30h os brasileiros formam o batalhão e os argentinos vão atrás.

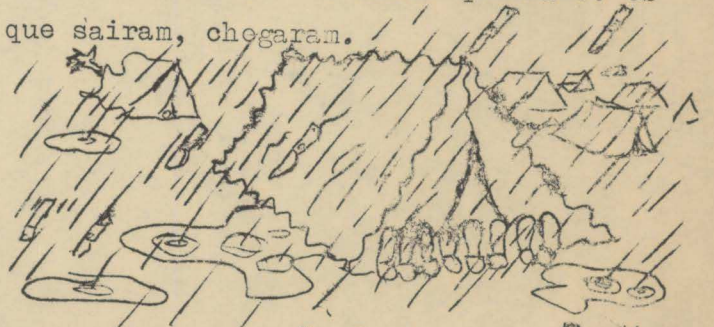
Bandeira do Brasil. Na frente, Marcos Jônio e eu com o número da Kvutzá.

Começamos a andar. Passam por nós grupos da Tzavá, grupos da El-Al, da Thuva, de diversos países. Todos cantando. Primeiros 5 km, tudo em ordem, bli baiot. O sol começa a nascer, começamos a suar, e já começamos a nos arrastar. No fim do km 15 tem parada para o lanche. Parada nº 1, todo mundo descansa, come, tira fotos. Continuamos já cansados. Só vemos gente por todos os lados. Até onde dá pra ver a estrada tem gente. Começa a subida. Natan e Aki já não aguentam. O grupo se dissolve. Enquanto isto, os argentinos há muito tempo estão pra trás, fora de vista.

Começa a chover e cada um já começou a caminhar pro seu lado. Chuva de pedra e ninguém para. Lama por todos os lados. E ninguém para. Que heróis! Talvez sejamos considerados heróis depois da pneumonia. Chegamos à 2ª machané. Só água e barro. Bem, que fazer? Vamos continuar. Com tanta água dá vontade de mijar. Mas não tem aonde. Vamos, só falte pouco.

Depois de mais 10 km, chegamos à machané. Só lama! E faltam 2 km pra chegar às nossas barracas e aos banheiros. Banheiros...buracos.

Chegamos! Direto pro sleeping. A chuva continua. Todo mundo quebrado. Os que saíram, chegaram.



CONT NA Pg 13

Pg 14

FELIZ ANIVERSÁRIO

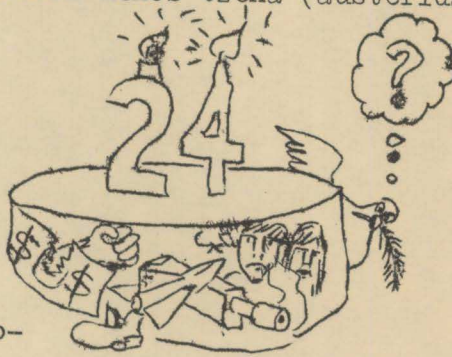
Não é todo dia que um país faz 24 anos. Aliás, supõe-se que isto só ocorre uma vez na vida, caso contrário, existe alguma anomalia. Assim sendo, estamos comemorando um fato único na História passada, presente e futura do Estado de Israel. A verdade é que lá em Eretz não comemoraram o fato de nenhuma maneira especial, já que êsse número, tão popular aqui no Brasil, lá não é mais do que duas dúzias.

O que nos traz de novo êsse vigésimo-quarto ano? Para responder a isso, é aconselhável um retrospecto para lembrarmos o que havia de velho.

Eretz Israel, promessa da redenção final do povo judeu após 2 mil anos na Diáspora, começou recebendo uma grande leva de imigração. Esta foi tão grande, que, junto com as precárias condições do Estado recém-criado, desbancou na famosa época da "tzena", que parecia menos tzena (austeridade, "acionamento") do que tzê-na (saia, por favor).

Resolvido êsse industrializar o país. Começa população fica mais satisfeita.

Aí fecharam Sinai. Como se não bastassem ainda vinha uma guerra para coisas pulou de contente...para



problema, toca-se a in- a aparecer comida, a po-

Suez. Já viu, guerra no os problemas internos, laborar. Um montão de pes fora.

Década de 60, situação relativamente calma. A aliá tornou-se estável, mas abaixo de qualquer nível satisfatório. O movimento kibutziano apresenta sintomas de crise, crescendo o nº de abandonos, incentivado pela próspera vida na cidade. Intercâmbios com vários países são tratados, começam a funcionar missões agrícolas na África.

Enquanto isso, os fedayin vão cruzando as fronteiras. Estabelece-se o ping-pong atentado-represália, a situação vai se tornando tensa, outros fatores agravam o problema... e estoura a Guerra dos 6 dias. Há um grande surto de consciência judaica no mundo, dura ATÉ 6 meses. Vem gente aos montes querendo ajudar, muitos acabam ficando, cria-se inclusive uma nova infra-estrutura para receber essa leva, composta principalmente de jovens. Facilita-se o ingresso nas universidades, recebimento provisório em kibutzim (a onda de "mitnadvim"). Os direitos do oleh são muitos.

E chegamos aos dias de hoje, com problemas a serem resolvidos. Os mais badalados, sem dúvida, os mais importantes, são a paz, inflação e absorção de olim.

A paz parece agora menos fictícia do que há um ano atrás. Êsse ano que se caracteriza pelos grandes encontros de chefes de estado deve trazer algo de novo. Mesmo a situação se encontra bastante calma, havendo inclusive declarações de que o tempo de miluim será diminuído de 40 para 30 dias/ano. De qualquer maneira, a pombinha com ramo de oliveira não virá numa "bandeja de prata" (eufemismo do Weitzman para "osso duro de roer").

Uma das grandes consequências da guerra é a inflação galopante. Como uma grande parte do orçamento vai para o exército, e as dívidas externas são grandes (1º lugar no mundo ocidental), a inflação aparece como o principal problema econômico do momento.

O vigésimo-quarto aniversário israeli não parece trazer nada de positivo quanto a isso, pois é um problema para cuja solução deve-se resolver antes os outros.

Finalmente, klitá. É o maior problema social atualmente. Se reflete em dois pontos essenciais: olim russos e movimentos israelenses de contestação. Os russos são atualmente super-badalados, considerados heróis quando saem da Rússia. Mas quando chegam em Eretz, criam uma série de problemas com as exigências que fazem. E olhem, eles recebem muito mais que um oleh de qualquer outro lugar. Por uotro lado, os sabras não estão gostando muito do sionismo: há uma série de direitos e privilégios que os olim têm e que um israeli nem sonharia ter. E surgem movimetos como os Panteras Negras, que pedem pelo menos um empate nos direitos. A verdade é que, quando se dá muito ao oleh, é o israeli que deixa de receber e essa opinião lá é partolhada não só pelos panterim. Acredito que se esteja estudando o caso e possivelmente esse ano diminuem a moleza do oleh.

Arnaldo Mandel

.....

(Continuação da carta da Daniela.)

À noite, uma chuva desgraçada.

Estamos molhados até a alma. Será que vai continuar a Tzeadá? Às 5 hrs. vem a resposta: "A 18ª Tzeadá foi cancelada por causa do mau tempo".

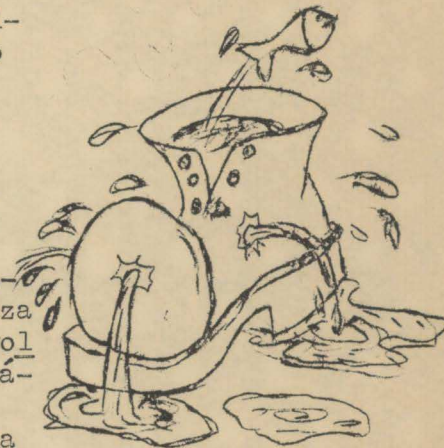
Bem, que fazer agora? Ficar esperando numa base da Tzavá que tinha no fim da machané.

A espera era longa e então resolveu-se levar souvenirs da Tzeadá, isto é, 4 bandeiras (do tamanho de um lençol cada uma) de Israel.

Chegou o ônibus, voltamos para Ierushalaim, contentes com nossos troféus da Tzeadá.

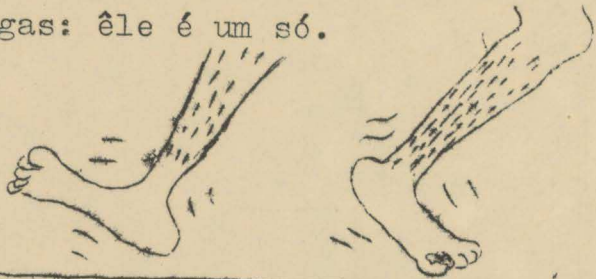
Esqueci de dizer que durante a espera, vieram 2 caras da rádio da Tzavá e gravaram a kvutzá cantando: Tristeza e Triste Madrugada. Quando estávamos voltando pra Ierushalaim, ouvimo-nos na rádio. Estava genial!

Bem, foi assim que scabou a nossa Tzeadá. Aliás, a mais original dos últimos tempos.



CLASSIFICADOS

Nureyev frustrado procura chug de rikudum para se desrecalcar. Interessados procurem o França. Apressem-se que há poucas vagas: êle é um só.



ATENÇÃO, FOTOMANIACOS!

HACHODESH está lançando um super-concurso de fotografia!

È a chance de vocês, cobras da câmera de se revelarem ao nosso distinto público do Snif São Paulo.

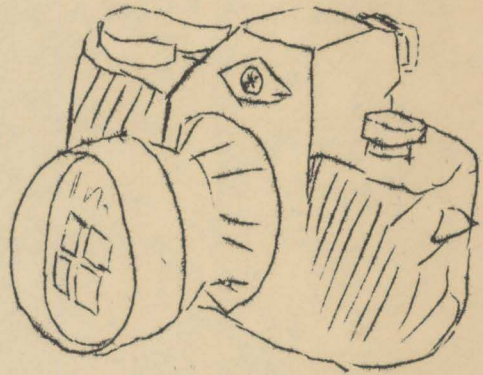
A coisa vai ser assim:

- 1º Cada chaver tem o direito de inscrever três das suas **MELHORES** fotos.
- 2º As fotos deverão ser entregues em ampliações de 18 X 24, em papel brilhante. Os interessados poderão falar com o França, que lhes dará um endereço onde essas ampliações podem ser feitas baratinho (por volta de Cr\$ 1,50)
- 3º As fotos serão expostas no Snif num período a ser divulgado e os chaverim do Snif vão colocar os seus votos numa urna perto da exposição.
- 4º As fotos que obtiverem mais votos serão as vencedoras.

5º **NÃO** haverá prêmios. Os concorrentes deverão participar por narcisismo e não por ganância.

6º **SE** os chaverim participantes fizerem questão de prêmios para o(s) vencedor(es), a gente pode fixar uma taxa de inscrição.

Tai. Agora o negócio é fuçar os arquivos e desenterrar **AQUELE** negativo que merecia ganhar um prêmio ou pegar a cânera, botar filme e sair por aí. Divirtam-se.



PROCURA-SE chácara com casa grande à prova de choques com muito matinho e pasto nas proximidades para machamê de Bonim. Falar com os chaverim da Hanagá.

PROCURA-SE chaverim para assistir pelót chevratíót do Snif. Organizadas por uma tzevet nova, composta por chaverim competentes. Muito nível e diversão. È nos sábados à noite. Negócio altamente compensador. Contatos com os chaverim da Vaadá Tarbut.

Chaver! Se precisa de alguma coisa e não dá para cantar muita gente ao mesmo tempo, use a comunicação de massa. Encaminhe seu anúncio à **HACHODESH PUBLICIDADE** e seu problema será encaminhado para a resolução. È no peito! Mais um serviço público de seu **HACHODESH**.

ICHUDNIKIM

